



[Recensão a] Giulio Busi – Raphael Ebgi, Giovanni Pico della Mirandola. Mito, magia, qabbalah

Autor(es): Gatto, Alfredo

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37880>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_47_10

Accessed : 6-Jun-2024 08:24:05

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 24 - número 47- março 2015

vol. 24 - número 47- março 2015

Fundação Eng. António de Almeida



RECENSÕES

Giulio Busi – Raphael Ebgi, *Giovanni Pico della Mirandola. Mito, magia, qabbalah*, Einaudi, Torino 2014, pp. CVI – 454.

Acaba de ser publicado na editora Einaudi o livro *Giovanni Pico della Mirandola. Mito, magia, qabbalah*. Trata-se de um importante trabalho composto a quatro mãos de Giulio Busi e Raphael Ebgi. A obra integra-se na série “I Millenni” (“Os Milénios”), uma das colecções mais elegantes e influentes da cena editorial e cultural italiana. Os dois autores, que trabalham juntos no Instituto de Hebraística da “Freie Universität” de Berlim (de que o próprio Busi é diretor), assumiram a tarefa de delinear e esboçar a mais complexa e articulada imagem do erudito e humanista italiano, sobretudo se comparada com as que surgiram até ao presente na historiografia filosófica.

Quem foi, de facto, realmente Giovanni Pico della Mirandola? Pode ser apenas considerado como o resultado de uma passiva συλλογή escolástica, uma fortaleza medieval no coração do Renascimento italiano? E ainda: o Conde de Mirândola é, quiçá, o quarto das maravilhas (*Wunderkammer*) onde se encontram muitas das curiosidades herdadas ao longo do tempo em tradições culturais minoritárias? Ou não é, talvez, finalmente e ao mesmo tempo, um dos representantes mais respeitados de toda a história do pensamento italiano?

Giovanni Pico é, provavelmente, dada a riqueza e profundidade da sua reflexão, todas estas coisas – sem, porém, poder ser reduzido a uma delas. Os três termos – *mito*, *magia* e *kabbalah* – que compõem o subtítulo do volume são, portanto, a tentativa de colher uma parte da riqueza do universo piquiano, ao restituir um pensamento amplo e variado. O mito, a magia e a *kabbalah* representam então uma perfeita triangulação para encerrar novos cenários e novas interpretações da reflexão do Conde italiano. A este respeito, para além do erudito ensaio de Giulio Busi, o livro é composto de várias entradas editadas por Ebgi (“*Apolo*”, “*Baco*”, “*Caracteres*”, “*Jano*”, “*Júpiter*”, “*Saturno*”, e muitas outras), e pelo mesmo Busi (“*Beijo*”, “*Qabbalah*”, “*Cobras, Almas e Veneno*”, “*Vinho*”), que têm o objetivo de dar ao leitor, a partir de ângulos diferentes, o universo simbólico de Pico. Eis como ao saber enciclopédico do erudito italiano se junta

uma pequena enciclopédia – literária, histórica, mitológica, figurativa e simbólica – a muitas vozes, particularmente úteis para desenhar o quadro filosófico do Renascimento do século XV.

Em 1486, um ano decisivo para o Conde e para toda a cultura renascentista e Ocidental, Pico trabalhou na redação do *Commento sopra una canzone d'amore*, das *Conclusiones* e do *Oratio de hominis dignitate*. O volume de Busi e Ebgi concentra-se, em particular, neste ano da graça, apesar de não renunciar a felizes incursões na vasta bibliografia piquiana. Foi sempre naquele ano, de facto, que Pico aprofundou, em particular sob a orientação de Flavio Mitridate, os seus estudos no campo da mística judaica e das línguas orientais (hebraico, árabe e aramaico). A descoberta piquiana da *kabbalah* representa um dos aspectos mais originais das *Conclusiones*, que estenderam o cânone humanista também ao mundo semita. Giovanni Pico foi o primeiro a delinear a possibilidade concreta de uma *kabbalah* cristã. Esta inédita hermenêutica piquiana, no entanto, não é um exercício de contemplação pura e simples, pois tinha uma finalidade eminentemente “operativa”, prática. A hermenêutica torna-se assim *opus*, ação, teurgia (θεουργία), e transforma-se, no essencial, numa operação mágica.

A importância prática presumida pela *kabbalah* liga-se à função atribuída por Pico à língua hebraica. O hebraico encarna a palavra de Deus, o seu original sentido criativo: como *vox* divina, precede qualquer outra linguagem mundana, e pode então mediar entre o céu e a terra, a magia e a teologia. Como realça Busi, entre a magia e a *kabbalah* há uma continuidade, e a língua hebraica é precisamente a condição de possibilidade do seu encontro, o que permite estabelecer uma relação prática entre a palavra – divina, humana – e o mundo sublunar. Ao binómio magia-*kabbalah*, acrescenta-se a interação com o elemento mitológico – salientado (poderíamos dizer: “mostrado”, com palavras e imagens) em particular por Ebgi –, uma característica típica do Renascimento, mas aqui colhida e inserida numa nova perspectiva, num universo simbólico capaz de abrir perspectivas interessantes para futuras pesquisas.

O hebraico, o alfabeto com o qual Deus se deu ao homem, abre um vislumbre para uma diferente *antropologia* filosófica. No imaginário piquiano, à luz da mediação desta linguagem comum, e de forma independente da tradição neoplatónica, que também conhece e segue, pode-se corrigir a diferença ontológica entre o Criador e as suas criaturas. De facto, o Conde de Mirândola acredita firmemente na substancial coextensão do humano e do divino. Torna-se então possível conhecer Deus, desde que se saiba onde encontrá-lo. Ao tomar literalmente a passagem do *Génesis* em que se fala de “imagem e semelhança”, o divino fica tão perto de estar enraizado no homem. Pico, acaba, portanto, por estabelecer, também graças à mediação da linguagem, uma relação íntima e essencial entre o homem e Deus, na certeza de que cada gesto do homem não é senão a réplica fiel do originário agir de Deus.

Alfredo Gatto